

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

AURORA MARIA ALVES SELES

**ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA FIM DE SEMANA NO PARQUE –
RACIONAIS MC'S**

**SÃO PAULO
2019**

AURORA MARIA ALVES SELES

**ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA FIM DE SEMANA NO PARQUE –
RACIONAIS MC'S**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Estudos Latino-
Americanos sobre Cultura e Comunicação,
da Escola de Comunicações e Artes -
Universidade de São Paulo, como requisito
para obtenção do título de especialista, sob
a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

**SÃO PAULO
2019**

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de discurso sobre a violência no Brasil, especialmente na cidade São Paulo, na década de 1990. O objeto de estudo será a composição Fim de semana no parque, do grupo de rap brasileiro, Racionais MC's, considerado o porta-voz da periferia por meio de sua obra musical, tanto com relação aos fatos sociais, quanto à aplicação de políticas públicas e culturais. A partir dessa caracterização, é exposto e denunciado o principal perfil-alvo da violência, o jovem negro.

ABSTRACT

This paper presents a discourse analysis about violence in Brazil, especially in the city of São Paulo, in the 1990s. The object of study will be the composition Weekend in the park, by the Brazilian rap group Racionais MC's, considered the porta-voice of the periphery through his musical work, both with regard to social facts, and the application of public and cultural policies. From this characterization, the main target profile of violence, the young black man, is exposed and denounced.

RESÚMEN

Este trabajo presenta un análisis de discurso sobre la violencia en Brasil, especialmente en la ciudad de São Paulo, en la década de 1990. El objeto de estudio será la composición Fin de semana en el parque, del grupo de rap brasileño, Racionales MC's, considerado el porta-voz de la periferia por medio de su obra musical, tanto con relación a los hechos sociales, como a la aplicación de políticas públicas y culturales. A partir de esa caracterización, es expuesto y denunciado el principal perfil objetivo de la violencia, el joven negro.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Racionais, jovens negros, rap brasileiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. HISTÓRIA DO GRUPO RACIONAIS MC'S.....	5
1.1 Os intérpretes do grupo.....	8
2. VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	9
2.1 Racismo.....	11
3. DISCUSSÕES.....	13
4. ANÁLISE DISCURSIVA.....	15
4.1 Fim de semana no parque – letra da música.....	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

INTRODUÇÃO

Na década de 1990, o Brasil viveu um dos maiores índices de violência. Segundo reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, em setembro de 1999¹, os assassinatos, fora do centro expandido, haviam aumentado 8,6% de 1997 para 1998; no centro, o índice fora de 1,3%, ou seja, a violência na periferia de São Paulo crescera seis vezes mais, de acordo com dados do CAP (Centro de Análise e Planejamento), da Secretaria da Segurança paulista. Em 1998, os assassinatos chegaram a 4.704 casos, contra 4.331 registrados em 1997. Ainda no Estado de São Paulo, em 2/10/1992, houve uma rebelião, com o saldo de 111 presos mortos na Casa de Detenção – Carandiru, à época, considerado o maior presídio da América Latina.

Um grupo de rap, Racionais MC's, da zona sul paulistana, considerada uma das regiões mais violentas, ganhou proporção ao denunciar o genocídio. Por meio de suas músicas revelavam assassinatos em série, nas regiões periféricas da Capital. Imediatamente, o grupo se tornou porta-voz da periferia. Esta pesquisa tem como intuito analisar, de modo discursivo, a obra Fim de Semana no Parque (1993), considerada hino de rebeliões na Febem – atual Fundação Casa. “Serviu para alguma coisa útil, não só para tocar no rádio. A música foi feita para isso mesmo, para os rebeldes.”²

1. HISTÓRIA DO GRUPO RACIONAIS MC'S

O *rhythm and poetry* - Rap - é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades Afrodescendentes nos Estados Unidos. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop, de modo que se chame metonimicamente (e de forma imprecisa) hip hop. O ritmo chegou ao Brasil no final dos anos 1980, na cidade de São Paulo, a mais opressiva das cidades brasileiras. Os cantores de rap são conhecidos como rappers ou MCs, abreviatura para mestre de cerimônias.

Fundado em 1988, o grupo de rap Racionais MC's é formado por: Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e o DJ KL Jay. É o maior grupo de rap do Brasil e está entre as bandas mais influentes do país. Suas canções demonstram a

¹ Violência na periferia de SP cresce seis vezes mais que na área central – Sílvia Corrêa – Cotidiano/Folha de S. Paulo – 13/9/1999 – Link: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff13099901.htm.

² Entrevista com Mano Brown, para a Ilustrada, jornal Folha de S. Paulo, em 23/12/1997.

preocupação em denunciar a destruição da vida de jovens negros, e pobres, das periferias brasileiras e o resultado do racismo e do preconceito, ao sustentarem que a miséria está diretamente ligada com a violência e o crime. Temas como a brutalidade da polícia, do crime organizado e do estado, o preconceito, as drogas e a exclusão social são recorrentes nas letras do conjunto.

O nome do grupo foi inspirado no disco Racional de Tim Maia³. A primeira gravação foi feita no ano do lançamento do grupo, 1988, quando o selo Zimbabwe Records lançou a coletânea Consciência Black, Vol. I. Neste LP, continham os dois primeiros sucessos do grupo: "Pânico na Zona Sul" e "Tempos Difíceis". Ambas as canções apareceriam dois anos depois em Holocausto Urbano, primeiro disco oficial do grupo e cujas letras denunciam o racismo e a miséria na periferia de São Paulo, marcada pela violência e pelo crime.

Após esse álbum, os Racionais MC's tornaram-se conhecidos dentro da cena rap da periferia paulistana e da Grande São Paulo. Essa popularidade fez com que os integrantes passassem a desenvolver trabalhos especialmente voltados para comunidades pobres, dentre os quais um projeto criado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em que o conjunto realizou palestras em escolas sobre drogas, racismo, violência policial entre outros temas. Também participariam nos anos seguintes de diversos concertos filantrópicos em benefício de soropositivos, campanhas de agasalho e contra a fome, além de protestos como o aniversário da Abolição da Escravidão no Brasil.

Em 1991, os Racionais MC's abriram o show do Public Enemy⁴, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. No final de 1992, foi lançado o segundo LP do grupo, Escolha seu Caminho. Em 1993, o grupo participou do projeto "Música Negra em Ação", realizado no Teatro das Nações em São Paulo, e

³Sebastião Rodrigues Maia (Rio de Janeiro, 28/9/1942 - Niterói, 15/3/1998), foi um cantor, compositor, maestro, produtor musical, instrumentista e empresário brasileiro, responsável pela introdução dos gêneros soul e funk na música popular brasileira e reconhecido como um dos maiores ícones da música no Brasil.

⁴Grupo de hip-hop americano formado em Long Island, Nova York, em 1982. É conhecido por suas letras politicamente carregadas e críticas da mídia americana, com um interesse ativo nas frustrações e preocupações da comunidade afro-americana.

gravou o disco Raio X Brasil, terceiro do conjunto, lançado em uma festa na quadra da escola de samba Rosas de Ouro para um público estimado em 10 mil pessoas. Canções deste disco como "Fim de Semana no Parque" e "Homem na Estrada" (ambas de Mano Brown) fizeram grande sucesso em bailes de rap e nas rádios do gênero em todo o país.

Durante um concerto de rap realizado no final de 1994 - Rap no Vale – no Vale do Anhangabaú (centro de São Paulo), o grupo Racionais MC's era a atração mais esperada. A apresentação terminou em confusão e os membros do grupo foram presos pela polícia sob a acusação de incitação à violência. Ainda naquele ano, a gravadora Zimbabwe lançou a coletânea Racionais MC's.

No final de 1997, foi lançado o disco Sobrevivendo no Inferno, pelo selo Cosa Nostra (do próprio grupo), que vendeu cerca de 500 mil cópias. Dentre os grandes sucessos deste álbum estão "Diário de um Detento", "Fórmula Mágica da Paz", "Capítulo 4, Versículo 3" e "Mágico de Oz". Com esse disco, os Racionais MC's deixaram de ser um fenômeno na periferia paulistana para fazer sucesso entre outros grupos sociais. Apesar disso, o grupo adotou uma postura antimídia. Um exemplo marcante ocorreu durante a cerimônia de premiação do Video Music Brasil, da MTV Brasil, quando a emissora teve muita dificuldade para levar o grupo ao evento e Mano Brown ressaltou que “a mãe havia lavado muita roupa pra ‘playboy’ pra fazê-lo chegar até ali”⁵.

Em 2002, o grupo lançou Nada Como um Dia Após o Outro Dia, disco duplo que, assim como seu antecessor, foi bem recebido pela crítica. Entre os maiores sucessos estão "Vida Loka I", "Vida Loka II", "Negro Drama", "Jesus Chorou".

No ano 2006 é lançado 1000 Trutas, 1000 Tretas, o primeiro DVD. Em 5 de maio de 2007, os Racionais fizeram um show na Virada Cultural de São Paulo, ocasião em que os fãs da banda entraram em confronto com os policiais, transformando o evento em um campo de batalha.

Em 2012, o grupo lançou a música "Mil Faces de um Homem Leal", composta para o documentário sobre a vida de Carlos Marighella⁶. Ainda

⁵ Blog Baratos Afins – a pioneira dos independentes. Link: <http://baratosafinsloja.com.br/racionais-mc-s-racionais-mc-s-fim-de-semana-no-parque-cd-bra.html>

⁶ Carlos Marighella foi um político, guerrilheiro e escritor brasileiro (Salvador-BA, 5/12/1911 – São Paulo-SP, 4/11/1969). Desde 1964, passou a ser considerado um dos principais organizadores da luta contra a ditadura militar brasileira.

naquele ano, eles participaram do MTV Video Music Brasil, tendo feito o show.

Para comemorar os 25 anos de carreira, o grupo realizou uma turnê por várias cidades do Brasil, organizada pela produtora oficial do grupo, a Boogie Naípe, e foi premiada como a melhor do ano pelo SuperJúri do Prêmio Multishow de 2014. Em 25 de novembro de 2014, o grupo lançou o sexto álbum de estúdio Cores&Valores, o primeiro com músicas inéditas em 12 anos.

Em 2018, a banda ganhou destaque por ter seu álbum Sobrevivendo No Inferno, lançado em 1997, selecionado como material para o vestibular de 2020 da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Segundo a instituição, “diferentes gêneros e extensões, de autores das literaturas brasileira e portuguesa⁷”.

1.1 Os intérpretes do grupo

Mano Brown - Pedro Paulo Soares Pereira nasceu em São Paulo em 22/4/1970. O apelido de Paulo originalmente era Brown. O complemento "Mano" veio após uma interpretação errônea de um trecho de uma música "sou eu mano, o Brown" interpretado como "sou eu Mano Brown". Vocalista dos Racionais MC's. Autor de canções como "Vida Loka I", "Vida Loka II", "Negro Drama" (com Edi Rock), "A Vida é Desafio", "Jesus Chorou", "Da Ponte pra Cá", "Capítulo 4, Versículo 3", "Tô Ouvindo Alguém Me Chamar", "Diário de um Detento", "Fórmula Mágica da Paz", "Homem na Estrada", "Fim de Semana no Parque" (com Edi Rock), "Mano Na Porta do Bar", "Negro Limitado" (com Edi Rock) "Pânico na Zona Sul" e "Artigo 157".

Ice Blue - Paulo Eduardo Salvador nasceu em 16/3/1969. Seu apelido vem de "Nego Blue", música de Jorge Ben Jor⁸. Mano Brown diz que é porque "ele andava sempre arrumadinho⁹". É apresentador do programa "Balanço Rap" na rádio 105 FM junto ao companheiro de grupo KL Jay.

⁷Unicamp divulga lista de obras de leitura obrigatória para o vestibular 2020 - 23/5/2018 - Link: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/05/24/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2020>

⁸Jorge Duílio Lima Meneses (Rio de Janeiro, 22/3/1945), conhecido como Jorge Ben e Jorge Ben Jor, é um violonista, pandeirista, guitarrista, percussionista, cantor e compositor brasileiro. Em 2008 a revista Rolling Stone Brasil o nomeou como o 5º maior artista da história da música brasileira.

⁹Racionais MC's é som de preto – 28/12/2011 – Link: <http://mundodosracionais.blogspot.com/2011/12/quem-e-ice-blue.html>

KL Jay - Kleber Geraldo Lelis Simões nasceu em São Paulo em 10/8/1969. É DJ do grupo e, cabe a ele a criação das bases - as batidas que acompanham o lírico, dando o ritmo certo para esses serem cantados.

Edi Rock - Edivaldo Pereira Alves nasceu em São Paulo no dia 20/9/1968. São de sua autoria as canções "Mágico de Oz", "Tempos Difíceis" e "Rapaz Comum", além de várias outras feitas em parceria com Mano Brown e Ice Blue. Além disso, compôs uma canção com a banda inglesa Asian_Dub_Foundation na faixa 19, Rebellions, sobre as rebeliões orquestradas pelo PCC (Primeiro Comando da Capital)¹⁰ em 2001, e seu exemplo como ação organizada contra o Estado. Em 2012, lançou a canção "That's My Way" junto a Seu Jorge¹¹, a qual foi indicada para o Prêmio VMB em "Melhor Videoclipe", porém perdeu para "Marighella", do próprio Racionais MC's.

2. VIOLÊNCIA NO BRASIL

A violência no Brasil é um problema que atinge direta ou indiretamente a população. O país tem números acima da média mundial no que se refere a crimes violentos, com níveis particularmente voltados à violência armada e homicídios. Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do Ministério da Saúde. Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, uma das mais altas taxas de homicídios intencionais do mundo. O limite considerado como suportável pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 10 homicídios por 100 mil habitantes. Jovens e negros são a maioria das vítimas de crimes violentos.

¹⁰Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização criminosa do Brasil que surgiu em 1993 no Centro de Reabilitação Penitenciária de Taubaté, no Vale do Paraíba-SP, local que acolhia prisioneiros transferidos por serem considerados de alta periculosidade pelas autoridades, e calcula-se que hoje tenha cerca de seis mil integrantes dentro do sistema penitenciário e outros 1,6 mil em liberdade, apenas no estado de São Paulo. O PCC também é identificado pelos números 15.3.3, pelo fato de a letra "p" ser a 15ª letra do alfabeto português na época e a letra "c" ser a terceira. O grupo comanda rebeliões, assaltos, sequestros, assassinatos e narcotráfico. A facção atua principalmente em São Paulo, mas também está presente em 27 dos 27 estados brasileiros, além de países próximos, como Bolívia, Paraguai e Colômbia. Possui cerca de 30 mil membros, sendo que só no estado de São Paulo são mais de 8 mil membros. É considerada uma das maiores organizações criminosas do país.

¹¹Jorge Mário da Silva (Belford Roxo- RJ, 8/6/1970) é um ator, cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro de MPB, R&B, samba e soul.

Curiosamente, São Paulo, em poucos anos passa a ser um dos estados com os menores índices do país [WAISELFISZ, 2012]. Efetivamente, em 1999, com uma taxa de 44,1 homicídios para cada 100 mil habitantes, o estado ocupa o 5º lugar no plano nacional. Para o ano 2010, os índices despencam para 13,9 homicídios em 100 mil habitantes, passando a ocupar o posto 25, como um dos três estados mais tranquilos do país. Estes dados constam no Mapa da Violência 2012¹², divulgado em 14/12/2011, pelo Instituto Sangari.

O estudo analisa as últimas três décadas de violência homicida no País. Apontando as principais características da evolução dos homicídios em todo o país: nas 27 Unidades Federadas, 27 Capitais, 33 Regiões Metropolitanas e nos 200 municípios com elevados níveis de violência. No início, as taxas de homicídio do estado, 13,8 em 100 mil habitantes, encontram-se bem perto da nacional, que nesse momento era de 11,7. Ao longo do período as taxas nacionais crescem 124% e as do estado aumentam para 220,2%, com índices anuais elevados: 6,3%. Com esse ritmo maior, o estado vai se distanciando progressivamente da média nacional: se em 1980 a taxa do estado era 17,9% maior que a nacional, para 1999 essa diferença aumenta para 68,6%.

Nesse primeiro período, são as regiões metropolitanas do estado, a de sua capital, a Baixada Santista e a de Campinas, as principais responsáveis pelo crescimento dos homicídios: crescem 250,1% nesses 19 anos, 6,8% ao ano, enquanto o interior, cujo aumento se estende até 2001, cresce 145,1% equivalente a 4,4% ao ano. Fatores socioeconômicos mostram que a sociedade brasileira é uma das mais desiguais e estratificadas do planeta, a extrema pobreza ao lado de grande riqueza. A necessidade de subsistência e o desemprego também podem contribuir para o surgimento da violência.

A explosão demográfica entre os anos 1950 e 1970, juntamente à queda da mortalidade infantil, representou uma pressão sobre a infraestrutura e a disputa por empregos. A Grande São Paulo, em 1895, tinha uma população de apenas 200 mil habitantes. Um século mais tarde, subiu para 16 milhões. Entre 1970 e 1995, o número de habitantes dobrou, passando de 8 para 16 milhões. Segundo o estudo, os bairros que tinham uma taxa de crescimento da população maior (tanto por fecundidade quanto por imigração) eram justamente

¹² Os novos padrões da violência homicida no Brasil – Link:
https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf.

os bairros mais violentos. É nessas áreas onde a população tem dificuldade de achar trabalho e moradia e que a polícia tem mais dificuldade de controlar o narcotráfico e outros crimes.

No estudo “Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo”:

... a região metropolitana de São Paulo é uma das maiores do país e um dos maiores cenários de violência urbana. O homicídio é a primeira causa de morte de adolescentes do sexo masculino entre 16 e 24 anos no Brasil e também está crescendo como uma causa entre os jovens¹³ adultos masculinos como um todo, em particular em São Paulo¹⁴. Muitos homicídios ocorrem nas áreas metropolitanas. A violência letal é um fenômeno urbano no Brasil e um dos pontos altos da precariedade que caracteriza a transição de um país predominantemente rural (como até recentemente 50 anos atrás) para um país urbano. Apenas duas áreas metropolitanas, que representam 16,8% da população do país, são responsáveis por 38,8% do total de homicídios. Pode-se dizer que o problema da violência letal não está generalizado por todo o país; está, sobretudo, presente nas áreas metropolitanas, nas quais graves violações de direitos humanos se sobrepõem a múltiplas carências econômico-sociais, o que constitui terreno fértil para que a violência prospere. Nas áreas onde se verificam as maiores carências, os governos estadual e municipal muito pouco têm feito para prover seus moradores de meios adequados à existência digna. Nessas áreas, muitos dos moradores têm sobreviver com seus próprios recursos, frequentemente com suporte de outras famílias para ter um teto. Além, aprendem junto às ações coletivas como conquistar acesso à mais básica infraestrutura urbana (como água e eletricidade, pavimentação e iluminação) e às escolas, às creches, aos serviços de saúde, entre outros. [CARDIA, ADORNO e POLETO, 2003]

2.1 Racismo

Entre as vítimas de crimes violentos, os jovens e os negros são a maioria. Segundo estudo “Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, de um total de 59.080 homicídios registrados em 2015, 31.264 foram de jovens, ou seja, 53%. O mesmo estudo aponta que,

¹³O ECA distingue criança (zero a doze anos incompletos) de adolescente (doze a dezoito anos incompletos). Considera autores de infração penal apenas os adolescentes, os quais, por sua vez, não podem ser responsabilizados penalmente, em respeito ao princípio constitucional. Para as crianças somente estão previstas medidas de proteção. Para os adolescentes, medidas de caráter socioeducativo. Por sua vez, o termo juventude alcança os jovens adultos, grupo etário constituído por aqueles que se encontram na faixa de 18 anos completos a 21 anos completos. Para os propósitos deste ensaio, não raro o termo jovem foi empregado para alcançar adolescentes e jovens adultos.

¹⁴ Em 1995, por exemplo, a taxa de homicídio para jovens, na cidade de São Paulo, era de 186,7 homicídios por cem mil pessoas (na faixa etária de 15-19 anos) e de 262,2 homicídios por cem mil pessoas para a faixa de 20-24 anos. Sabe-se pouco sobre os agressores, pois um número reduzido de casos é esclarecido e seus autores (e seus motivos) conhecidos.

a cada cem pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negros, ou seja, chega a 23,5% o maior índice desses jovens assassinados.

Segundo o Mapa da Violência de 2013, dos 467,7 mil homicídios contabilizados entre 2002 e 2010, 307,6 mil, ou seja, 65,8% foram de pessoas negras. Houve uma tendência de redução de homicídios de brancos em 26,4% e o aumento de homicídios de pessoas negras de 30,6%. Isso se observa na população em geral e principalmente nos jovens. Conforme o pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, autor do estudo, há um mecanismo de culpabilização da vítima que incentiva a tolerância à violência contra grupos mais vulneráveis, fazendo com que o Estado não tome medidas para solucionar muitos desses casos.

No artigo “A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder”, Dennis de Oliveira ressalta que na dinâmica racial em países marcados pelo colonialismo e pela escravização como os do continente latino-americano, a violência institucional se manifesta principalmente pelo racismo, que serviu como ideologia legitimadora da exploração do trabalho escravo e da colonização e, depois, da superexploração do trabalho (MARINI, 1990)¹⁵ e da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005)¹⁶, consequentemente, a violência se articula com outras duas dinâmicas da formação dos Estados nesses países: a lógica da concentração de renda e patrimônio e a concepção restrita de cidadania (OLIVEIRA, 2017)¹⁷.

Os atos violentos não são atitudes episódicas, mas produto da tipologia de poder constituída para se manter os lugares subalternos dos países do continente no sistema-mundo. As bandeiras da democracia, da justiça social, da igualdade, dos direitos humanos e do combate ao racismo são necessariamente articuladas num projeto de descolonialidade do poder. [OLIVEIRA, 2017].

¹⁵ Marini, Ruy Mauro. *Dialética de la dependencia*. Cidade do México: Editora Era, 1990.

¹⁶ Quijano, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In Lander, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

¹⁷ Oliveira, Dennis. *O combate ao racismo é uma luta anticolonialista*. In: *A luta contra o racismo no Brasil*. São Paulo: Fórum, 2017. p. 12-35.

3. DISCUSSÕES

Em um ensaio feito em 1999¹⁸, a psicanalista Maria Rita Kehl questiona qual é o tratamento que deve ser dado ao grande exército de fãs dos Racionais, dado o tipo de interação entre a multidão de jovens pobres e os grupos de rap que os representam. Houve o surgimento de neologismos, devido a várias militâncias: empoderamento, feminicídio, misoginia e comunidade, este embora não seja recente é usado por coletivos negros e de rappers. Ainda assim, vale destacar que o termo não “enobrece” a favela, tampouco fornece saneamento básico. Para Kehl, os milhares de rappers, liderados por Mano Brown:

... parecem interessados em radicalizar um discurso contundente de oposição. Mas os ‘manos’ têm uma ideia um pouco mais precisa de sua revolução, a começar pelas armas: sua palavra em primeiro lugar. Em seguida, sua ‘consciência’, sua ‘atitude’ - expressões empregadas insistentemente nas letras dos Racionais, e que em termos gerais significam: orgulho da raça negra e lealdade para com os irmãos de etnia e de pobreza. Sabem para quem estão falando, e sabem, sobretudo de onde estão falando. [KEHL, 1999]

Desde o surgimento do grupo, as entrevistas são segmentadas de acordo com os veículos e a maior resistência é voltada às organizações Globo. “Não somos um produto, somos artistas”, disse KL Jay em entrevista ao extinto Jornal da Tarde, em 5/8/1998. O rótulo de artista também é questionado, para evitar qualquer tipo de ‘domesticação’. Mano Brown, em entrevista de 1998, diz ao jornal O Dia: “Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista”.

A psicanalista observa que o tratamento de ‘mano’ não é gratuito. Há a intenção de igualdade, um sentimento de fratria, da massa em relação ao ídolo. O público-alvo do grupo está nas camadas sociais, de menor renda, os negros e pobres. As letras representam de modo uníssono, seus semelhantes e convida a ficarem juntos para aumentar a força entre eles. O rap promove a inclusão entre artistas e público, negros e de origem pobre, igualmente vítimas de preconceito na sociedade. E o grupo avisa que haverá mudança de atitude, com a ideia de banir a humildade, do sentimento de inferioridade que tanto agrada à elite da casa grande. Eles evidenciam, na maioria das músicas, a importância da dignidade e autovalorização do negro de forma que não seja “limitado”.

¹⁸ Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo.

Assim como os ritmos populares – samba e funk – o rap ainda é marginalizado e Kehl avisa que quem escutar as letras quilométricas, provavelmente vai se sentir mal diante do tom discursivo e autoritário e que, embora as letras convidem para uma troca de ideias, não há diálogo.

As falas dos racionais oscilam; passam do lugar comunitário dos manos ao lugar do herói exemplar, escorregando dali para o lugar da autoridade, falando em nome de um 'pai' que sabe mais, que pode aconselhar, julgar, orientar. [KEHL, 1999]

Ainda para a psicanalista, o viés autoritário nos versos das canções, têm pelo menos três determinantes: a certeza de que uma causa coletiva está em jogo para barrar a discriminação sem recusar a marca originária e produzir melhoria na vida da periferia; transmitir a realidade em si, sem esquecer a cultura do próprio negro – engolida pela publicidade e, o discurso moral do grupo, jamais moralista, da preservação da própria vida. Para Kehl, o real domina a vida da periferia, em suas faces extremas: a droga e seu gozo mortífero; a violência do outro – frequentemente a polícia – com quem é impossível qualquer diálogo ou negociação; a miséria, que segundo Hanna Arendt¹⁹ nos exclui da condição humana porque nos faz prisioneiros da necessidade; e acima de tudo, a morte.

É necessário – e possível – constituir marcos conceituais construídos a partir da periferia do capitalismo para entender os problemas a partir das singularidades do continente latino-americano. [OLIVEIRA, 2018]. Ignacio Martín-Baró destaca nos seus últimos escritos que a violência é uma componente estrutural do capitalismo, por se tratar de um sistema de divisão de classes sociais. Entretanto, a violência não se reduz a desigualdade social.

Segundo ele,

A violência estrutural não se reduz à distribuição inadequada dos recursos disponíveis que impede a satisfação das necessidades básicas da maioria: além disso, a violência estrutural exige o ordenamento da desigualdade opressiva por meio de uma legislação que ampara os mecanismos de distribuição social da riqueza e que produz uma força coercitiva que obriga a maioria a respeitar tais mecanismos [MARTÍN-BARÓ, 2012, p.402].

¹⁹Hannah Arendt (Alemanha – 14/10/1906, Estados Unidos - 4/12/1975), foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. A privação de direitos e perseguição de pessoas de origem judaica ocorrida na Alemanha a partir de 1933, e seu breve encarceramento no mesmo ano, fez com que emigrasse para os EUA.

Além da sociedade capitalista, que pode ser considerada, pela sua lógica, um contexto possibilitador da violência, acrescentam-se as singularidades das sociedades do capitalismo periférico da América Latina: seu passado colonial e escravocrata, bem como seu lugar subalterno no sistema-mundo do capital, dão contornos específicos à violência, incluídos aí o racismo e o machismo [OLIVEIRA, 2018].

4. ANÁLISE DISCURSIVA

A pesquisadora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, professora universitária brasileira, foi pioneira no final dos anos 1970, a trabalhar a análise do discurso no Brasil. Nos estudos, ela aponta os vários sentidos que a palavra pode representar, pela perspectiva da interpretação e compreensão. Um dos primeiros pontos é a reflexão de que o percurso do estudo da leitura tem suas especificidades e história, e que a vida intelectual do leitor, provavelmente, estará relacionada com os modos e efeitos de cada época e tempo social.

Há maneiras distintas de leitura, conforme o contexto. Dessa forma, Orlandi alerta que “... a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz.” (ORLANDI, 2013, p. 11).

Referente ao significado do texto, a pesquisadora enfatiza a importância de “relações de força”, explicada pelo lugar social dos interlocutores (os que falam e leem o texto), e deixa claro que os sentidos deste, estarão determinados pela posição que os sujeitos envolvidos ocupam.

Ao analisar um discurso em que o objeto-discurso se preocupa com os processos, e não apenas com os produtos, o leitor é observado como sujeito de interação, incluso em uma realidade social e a linguagem é transformadora, idealizada como trabalho. Dessa forma, a linguagem passa a ter outra função de referência, difere-se da linguística clássica, cujo enfoque é a informação. “Na perspectiva da análise do discurso... tomar a palavra é um ato social...” (ORLANDI, 2013, p. 17).

O lugar ocupado na sociedade pelos sujeitos (ouvintes e falantes) é constituído pelas significações do discurso. Os vocábulos mudam de acordo

com a formação discursiva que se apresenta, e pode representar ambiguidade a partir do “lugar” falado. Assim, a autora afirma que as palavras são “formações ideológicas e determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição...” dada. Vale ressaltar que a apropriação da linguagem pelo sujeito se dá socialmente e não de forma individual.

A análise do discurso é utilizada para estudar, pensar e problematizar a cidade, as políticas, as leis, a educação e a violência - áreas cobertas de discurso e ideologia dominantes. Sob essa contextualização, o presente estudo será a composição “Fim de semana no parque”, do grupo Racionais MC's, letra de Mano Brown, primeira faixa do álbum: Raio X Brasil, Zimbabwe Records, 1993.

Serão apresentados alguns conceitos referentes a esta área para o estudo da linguagem humana, ligada ao campo do discurso. Dentre eles, os principais conceitos serão: Assujeitamento Ideológico, Autor, Condições de Produção, Diálogo, Enunciação, Enunciador, Formações Discursiva e Social, Interdiscursividade, Interlocução, Intertexto, Linguagem e Sujeito.

4.1 Fim de semana no parque – letra da música

(Edi Rock)

Mil novecentos e noventa e três, fudidamente voltando, Racionais
Usando e abusando da nossa liberdade de expressão
Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país
Você está entrando no mundo da informação, autoconhecimento, denúncia e diversão
Esse é o Raio-X do Brasil, seja bem-vindo

A introdução da música traz uma data histórica, para os anais da Segurança Pública de São Paulo, e do Brasil. Um ano antes ocorrera a rebelião no presídio de segurança máxima Casa de Detenção – Carandiru – com saldo de 111 presos mortos. O rapper Edi Rock avisa que usará e abusará da liberdade de expressão, prevista no art. 5º, IV da Constituição Federal, de 1988. E ainda enfatiza que esse é um dos poucos direitos da população negra, preterida pela sociedade, e que por questões econômicas, têm pouco acesso à informação e direitos civis. Antes de o início da música, ocorre uma saudação irônica, com menção ao nome do álbum voltado à radiografia, realista, brasileira. Na análise do discurso, ocorre o Assujeitamento Ideológico que consiste em fazer com que cada indivíduo, inconscientemente, seja levado a

ocupar seu lugar na sociedade, identificando, assim, com grupos ou classes sociais.

(Mano Brown)
 À toda comunidade pobre da Zona Sul!
 Chegou fim de semana todos querem diversão
 Só alegria nós estamos no verão,
 Mês de janeiro, São Paulo, Zona Sul
 Todo mundo à vontade, calor, céu azul
 Eu quero aproveitar o sol
 Encontrar os camaradas, prum basquetebol
 Não pega nada
 Estou à uma hora da minha quebrada
 Logo mais, quero ver todos em paz
 Um, dois, três carros na calçada
 Feliz e agitada toda "playboyzada"
 As garagens abertas eles lavam os carros
 Desperdiçam a água, eles fazem a festa
 Vários estilos, vagabundas, motocicletas
 Coroa rico, boca aberta, isca predileta

Brown dedica a canção para uma das regiões mais periféricas e populosas de São Paulo, a zona sul. Endereço de sua residência e dos outros integrantes do grupo. O fim de semana, como em vários lugares do País, é voltado ao entretenimento, especialmente quando é verão e as pessoas estão em férias escolares ou profissionais. Encontrar amigos “na quebrada” para uma partida de basquetebol – contrariando as estatísticas de que o futebol é a modalidade predominante – é um meio de se divertir; mesmo que para isso estejam a 60 minutos de suas casas.

Nesse aspecto é possível identificar que os espaços de lazer são distantes, provavelmente, estejam em um único espaço cultural das imediações. E mesmo assim, o rapper sinaliza que há veículos (mais de um) estacionados nas calçadas, fator incomum para quem mora na periferia e usa transporte coletivo. Essas pessoas são consideradas “playboys” (que são ricos ou ostentam riqueza) e, por esta razão, veem-se no direito de lavar os automóveis e desperdiçar água - produto natural escasso nas favelas.

Os adjetivos: vagabundas (pejorativo para mulheres), coroa rico, boca aberta (homens mais velhos, ingênuos) e que podem ser facilmente atraídos. O conceito é voltado a Condições de Produção: instância verbal da produção do discurso, determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, os interlocutores, o lugar de onde falam à imagem que fazem de si, do outro e do referente.

Ao falar sobre a distinção de classes sociais em sua relação com a escola e a leitura, a especialista aponta sua contradição: “O discurso da burguesia se caracteriza pela proclamação do ideal da igualdade, ao mesmo tempo em que organiza uma desigualdade real”. (ORLANDI, 2013, p.36).

Ainda é discutido um “segundo tipo de reducionismo”, que é, segundo Orlandi, o da classe média. Reducionismo esse que legitima apenas o conhecimento dominante, ficando os outros tipos vistos como um conhecimento menor, rebaixado. Isso implica em um não reconhecimento da luta de classes: “Quando se adere ao conhecimento legítimo, através do discurso que propõe o acesso necessário a ele, se desconhece a luta de classes, a luta pela validade das diferentes formas de saber e a questão da resistência cultural.” (ORLANDI, 2013, p.37).

(Ice Blue)

De verde florescente, queimada sorridente

O terceiro rapper, a aparecer na canção, refere-se às mulheres bronzeadas, com roupas curtas e chamativas. Outra conotação hostil. Para a pesquisadora Orlandi, durante a convivência com o estudo da linguagem - e essa é sua especificidade – “aprendi que as palavras não significam por si, mas pelas pessoas que as falam, ou pela posição que ocupam os que falam. Sendo assim, os sentidos são aqueles que a gente consegue produzir no confronto do poder das diferentes falas” (ORLANDI, 2013, p.95). Aqui se identifica o conceito Linguagem, fruto da interação entre sujeitos socialmente, historicamente e ideologicamente constituídos.

(Mano Brown)

A mesma vaca loura, circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem, mas na minha não cresce

Sou assim, tô legal, até me leve a mal

Malicioso e realista, sou eu Mano Brown

Agora o líder da banda pega o gancho de Ice Blue e refere-se à mulher de modo mundano, em uma praia – o Guarujá, à época considerada elitizada, no litoral sul de São Paulo. E frisa que é uma pessoa loura, descaracterizando qualquer ligação à outra etnia. Deixa claro que a mulher tem relação sexual (roda a banca) com os homens endinheirados, mas que com ele – Brown – isso não ocorreria, porque ele tem boa memória e a vivacidade da periferia. O

conceito usado para a análise do discurso é o de Enunciador: o produtor do enunciado, isto é, o ponto de vista do locutor dependendo da posição social que ocupa.

Me dê 4 bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas, e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e um tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque,
Eufóricos, brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola, descalços, nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá

O rapper convida os ouvintes a citarem motivos para que ele não seja malicioso. A favela dá toda a percepção de mundo real. E observa que do alto, provavelmente de sua moradia pode ver um pai, rico, acompanhado dos filhos, em direção ao parque. Descreve que o carro onde a família está é um modelo novo, equipado; e as crianças possuem brinquedos de última geração. Por outro lado, a molecada da favela, sem recurso, brinca descalça, em ruas sem asfalto, jogam bola. É a alternativa. A análise de discurso ocorre por meio da Enunciação: emissão de um conjunto de enunciados que é produto da interação verbal de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá no aqui e agora sem jamais se repetir, marca-se, exclusivamente, embora não somente, pela singularidade.

Gritando palavrão, é o jeito deles
Eles não tem videogame, às vezes nem televisão
Mas todos eles tem Doum, São Cosme e
São Damião
A única proteção
No último natal papai Noel escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do mato
Um menininho de 10 anos achou o presente,
Era de ferro, com 12 balas no pente
E o fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicletas
De ver seu pai fazendo cooper, tipo atleta
Gostam de ir ao parque, e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir
Mas ele só querem paz, e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Santo Antônio

O dialeto na favela é peculiar. Único. Anacolutos, gírias, impropérios. Linguagem popular, simples. A criançada, na música, não possui brinquedos eletrônicos, em muitos casos, não têm televisores, mas a fé é materializada

pelos orixás “Doum, São Cosme e Damião”, protetores das crianças, nas religiões de matriz africana. Brown retrata uma situação curiosa, para não dizer trágica, quando um menino de 10 anos encontra um revólver no meio do mato, e que não era um brinquedo escondido pelo papai Noel.

Para a psicanalista Maria Rita Kehl: “a inveja da vida dos ricos, dos bairros burgueses, dos privilégios” presente na letra é inevitável, enquanto não há “nada de sombra e água fresca; nada de ‘área de lazer’ na periferia”. A ausência de políticas públicas, cultura e lazer são fatores que podem conduzir os menores ao crime. A arma, provavelmente fora escondida por um morador, e estava carregada de projéteis. Nesse trecho, o rapper comenta a dicotomia infantil: de um lado, crianças com bicicletas, e de outro, elas “brincam” com revólveres.

Situações antagônicas que revelam, sem titubear, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que esse menor poderia estar ao lado do pai, em um parque de lazer, vendo seu tutor praticar corrida. Para o menino essa é uma visão distante, e mesmo assim, ele busca a paz no parque em que habita, sem árvores, sem brinquedos, ocupados por barracos e chão de terra. O conceito discursivo é o do Sujeito, sobre uma perspectiva discursiva, deixa de assumir uma noção idealista, imanente, o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente e interpelado pela ideologia, ou seja, não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Por isso, o sujeito não é a fonte, a origem dos sentidos, porque à sua fala atravessam outras falas, outras vozes, enfim; outros dizeres e por que não dizer até outros não dizeres.

Refrão:
 Vamos passear no parque
 Deixa o menino brincar
 Fim de Semana no parque
 Vamos passear no parque
 Vou rezar pra esse domingo não chover

No refrão usam-se “samples” (equipamentos que armazenam sons em formato digital) de três frases: “vamos passear no parque”, “deixa o menino brincar” e “vou rezar para este domingo não chover”, originárias de “Domingaz” e “Frases”, ambas de Jorge Ben, respectivamente compostas em 1969 e 1967. Há a presença do conceito Intertexto para analisar o discurso, quando existe relação de um texto com outros textos.

(Edi Rock)
 Olha só aquele clube que da hora
 Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha,
 Olha quanta gente
 Tem sorveteria, cinema, piscina quente
 Olha quanto boy, olha quanta mina
 Afoga essa vaca dentro da piscina
 Tem corrida de kart, dá pra ver
 É igualzinho o que eu vi ontem na TV,
 Olha só aquele clube que da hora,
 Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
 Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
 Pro seu pai bem louco, gritando dentro do bar
 Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
 Ele apenas sonha através do muro...

O rapper Edi Rock traça a infraestrutura de um clube aquático, privado, voltado para acionistas, com alto poder aquisitivo. Novamente a mulher é referida como “vadia” e sugere-se que ela seja afogada na piscina. Todo o cenário do local é visto apenas pela televisão, e quando muito, do outro lado do muro, sem acesso, por um garoto preto, pobre, da favela. Este com a incumbência de levar dinheiro – muito provavelmente adquirido com a venda de doces e afins nos semáforos da cidade – ao pai, embriagado, em um bar da periferia. Por um instante, o garoto sonha e esquece-se de sua árdua vida, sem infância, sem brincadeiras, sem oportunidades. Desperta! Percebe que há um muro que o separa daquela cena, totalmente surreal à sua vida.

A pesquisadora Orlandi nos diz que a produção do discurso se faz na articulação de dois grandes processos, fundamentos da linguagem: o parafrástico: mesmo sentido; e o polissêmico: múltiplos sentidos possíveis. Há, portanto, nesse processo, uma tensão entre o “mesmo e o diferente”, porém tanto a paráfrase quanto a polissemia são objetos de reflexão sobre a linguagem. Aqui ocorre o conceito do Autor, cuja função social do sujeito é atravessada pela exterioridade e pelas exigências de coerência.

(assovios)

O ato de assoviar, normalmente é usado para descontrair. O som emitido pela boca pode ter várias melodias e contribui para distrair ou se comunicar com alguém.

(Mano Brown)
 Milhares de casas amontoadas, ruas de terra
 Esse é o morro, a minha área me espera

Gritaria na feira (vamos chegando!)
 Pode crer, eu gosto disso mais calor humano

Locais com casas coletivas, em algumas regiões chamadas de favelas, ou comunidades, têm uma moradia ao lado da outra, sem portão, poucas janelas, uma única porta, sem divisões de cômodos. Podem ser de madeira, ou de alvenaria, onde são chamadas de áreas, ou morros. A alegria, de modo singular, é percebida nos dias de feira livre, quando os moradores se encontram e estabelecem o contato mais próximo, conhecido como calor humano.

Os conceitos para análise do discurso, nesse trecho, são Formação Discursiva: o que pode e deve ser dito a partir de um lugar sócio historicamente determinado e atravessado por uma formação ideológica, podem aparecer formações discursivas diferentes, cuja consequência imediata é a variação de sentido; e Formação Social: lugar onde se estabelecem as relações entre as classes sociais historicamente definidas, mantendo entre si relações de aliança, antagonismo ou dominação.

Ocorre também o conceito de Interlocução: processo de interação entre os indivíduos os quais podem usar tanto a linguagem verbal, quanto a não-verbal. Eni Orlandi defende que “o inteligível, o interpretável e o compreensível” na questão dos sentidos na leitura, explicitando que não apenas quem escreve significa, mas quem lê também atribui sentidos e o faz a partir de um lugar social, sendo, portanto, também, um determinado “público-leitor”. Dessa forma, temos as chamadas “formações discursivas”, que na ordem do discurso representam as formações ideológicas, assim podemos dizer que: “... as palavras, expressões, preposições, mudam de sentido segundo as posições mantidas pelos que a emprega, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 1975).” (p.108).

Na periferia a alegria é igual
 É quase meio-dia a euforia é geral
 É lá que moram meus irmãos, meus amigos
 E a maioria por aqui se parece comigo
 E eu também sou bam bam bam, e o que manda
 O pessoal desde às 10 da manhã, está no samba
 Preste atenção no repique, atenção no acorde
 (Como é que é Mano Brown?)
 Pode crer pela ordem

A vida na periferia é de luta, muito trabalho pela sobrevivência. Àqueles que não trabalham no fim de semana – há pessoas que labutam os sete dias – o horário do almoço é (quase sempre) uma alegria. Em cada casa um ritmo, em volume alto, musical, de que é dia de folga. Dia de faxina, de ir à feira, de cozinhar, de reunir a família, de rever amigos, parentes. Dia do lazer.

O samba, considerado uma das principais manifestações culturais do País, é um dos gêneros que predomina. E nas favelas há os moradores de destaque, pela preferência musical – seja rap ou samba – que influenciam outros colegas e são vistos como protagonistas, que ditam regras. Nesse trecho, Brown pede atenção ao repique – instrumento tocado com uma baqueta, e no acorde – o som harmonioso do samba, indagado por outro músico, Netinho de Paula²⁰, oriundo da Cohab de Carapicuíba, periferia da zona oeste de São Paulo. O sambista é saudado pelo rapper. Nesse trecho ocorre o conceito de Diálogo: em sentido estrito, comunicação verbal entre duas pessoas, sentido amplo, de acordo com Bakhtin (1997): toda comunicação verbal, qualquer forma de interação. Compreende, assim, estritamente, um enunciado, um enunciador e um enunciatário.

A número, número 1, em baixa-renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desse o morro
Polícia, a morte, polícia, socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100, 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto

A inquietação do rapper aumenta ao relatar o destaque, socioeconômico - da região sul da cidade. Ele classifica a área pela dignidade de quem a habita, mesmo com os crimes “cotidianos” presenciados pela população. Uma moradora – senhora de meia idade – presencia um corpo, perto de uma viela, normalmente próxima a uma escadaria. As estatísticas mostram que é mais um

²⁰ José de Paula Neto (São Paulo, 11 de julho de 1970), Netinho de Paula, é um cantor, compositor, apresentador e político brasileiro filiado ao Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Em 2008, Netinho foi eleito vereador em São Paulo pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), com 84.406 votos - correspondendo a 1,41% dos votos válidos, o que lhe deu a posição de terceiro mais votado nas eleições.

homem negro, assassinado pela polícia. Novamente o rapper lembra que a favela não é um lazer, não possui clubes, nem parques. A população é esquecida, não tem recurso, mas o acesso a produtos ilícitos, drogas e bebidas, é muito rápido. Em curta distância há uma boca de fumo. E recomenda que a esperteza, não é sempre, a melhor companheira, pois a polícia executa. Para análise do discurso ocorre a Interdiscursividade: relação de um discurso com outros discursos.

Schmidt, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
 Pronúncia agradável
 Estrago inevitável
 Nomes estrangeiros que estão no nosso morro
 Pra matar. M.E.R.D.A.
 Como se fosse ontem, ainda me lembro
 Sete horas, sábado, 4 de dezembro
 Uma bala, uma moto, com 2 imbecis
 Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
 E indiretamente ainda faz,
 Mano Rogério esteja em paz
 Vigia lá de cima
 A molecada do Parque Regina

Marcas de revólveres, de calibres potentes, bebidas importadas que possam dar “status” têm suas consequências. São como iscas para a extorsão de policiais corruptos, ou milicianos, que invadem a favela e matam. E dentre as vítimas, um “camarada, ou irmão” é executado e cuida das crianças, pelo céu. Outro trecho em que o grupo evidencia sua crença, sua religiosidade.

Refrão:
 Vamos passear no parque
 Deixa o menino brincar
 Fim de Semana no parque
 Vamos passear no parque
 Vou rezar pra esse domingo não chover

(Mano Brown)
 Tô cansado dessa porra
 De toda essa bobagem
 Alcoolismo, vingança, treta malandragem
 Mãe angustiada, filho problemático
 Famílias destruídas
 Fim de semanas trágicos
 O sistema quer isso
 A molecada tem que aprender
 Fim de semana no Parque Ipê

E finalmente, a letra grita a respeito do cansaço, da luta, da mãe que chora a perda de um filho, aprisionado ou morto. E lembra que esse é o objetivo político-governamental ao ver a destituição de família, do

desmoronamento do proletariado, tido como um povo descartável, sem futuro. E clama para que as crianças, futuro das gerações, observem e aprendam para que tenham vidas melhores.

Refrão:

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de Semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

"Pode crer, Racionais Mc's e Negritude Junior juntos. Vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das drogas e do álcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Arariba, Vaz de Lima, Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara. É isso aí mano Brown".

(Finaliza Brown): É isso aí Netinho, paz a todos.

No último verso a união do samba, com o rap – ritmos da cultura urbana, e marginalizada, onde dois porta-vozes sugerem que o caminhar seja feito de mãos dadas, sem entorpecentes. Vários bairros da zona sul são citados e o líder do Racionais MC's deseja paz a todos. Os contrastes entre a vida dos "manos" e "playboys" são evidentes na canção e a crítica à desigualdade social denuncia a pobreza na periferia, a presença das drogas e assassinatos de parceiros, mas também exalta o coletivismo e a união dessa população.

Para Orlandi:

Tendo enfim em conta o fato de que compreender é desconstruir teoricamente, chegamos à formulação de mais um aspecto da historicidade que caracteriza o discursivo: o conceito histórico (político) de compreensão. O que nos leva a outra afirmação igualmente relevante: não há compreensão sem historicidade. E isto está de acordo com a afirmação da análise de discurso de que a textualidade é histórica. (ORLANDI, 2013, p.117).

O discurso, na perspectiva de Eni Orlandi, é mais profundo do que aquilo que “se ouve”, do que se lê. O discurso implica o lugar de onde se fala, a pessoa que fala, o que “esse lugar”, esse sujeito, representa na sociedade. Podemos começar a compreender o significado do dito, pois tentaremos compreender também o “não-dito”, o que precisou ser omitido, mas que revela muito do discurso. É a partir daí que poderemos observar as contradições da fala.

Assim, na análise do discurso, partimos do sujeito que fala. Sujeito este que não está deslocado do mundo, pertence para um tempo, um lugar, um

espaço determinado e representa, portanto, uma determinada classe. Ele, dessa forma, não está “sozinho” em sua fala. No seu discurso estão implicados interesses, ideologia de um determinado grupo social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1990, as chacinas se multiplicavam e as regiões pobres de São Paulo entravam numa espiral de violência e muito medo. A realidade de quem vivia na periferia era de desespero. E o discurso hegemônico mostrava uma sociedade que havia chegado ao seu melhor momento. Essa falácia foi desconstruída pelo grupo Racionais MC's, que falava tudo com transparência e denunciava os maus tratos contra o povo da favela. Imediatamente a crítica rebatia e anunciava que o grupo havia nascido para incitar a violência, fazer apologia ao crime. O grupo não se esquivou e escancarou a invisibilidade da periferia, ocultada por anúncios publicitários. E desta forma, a música “Fim de semana no parque” descreve a realidade - nua e crua – do povo oprimido.

A música foi composta em 1993, período em que eu beirava o 18º ano de vida. A memória é afetiva e pouco nostálgica. Passados quase 26 anos, o olhar remoto revela que houve poucas melhorias no aspecto social, em especial, ao povo das favelas. Este lugar, para mim, é familiar. Cresci em regiões periféricas das zonas sul e oeste da grande São Paulo. Quando o Racionais MC's lançou a música, posteriormente, considerada hino da Febem, a identificação foi imediata. Em um dos momentos mais difíceis, minha mãe (falecida há 19 anos) foi orientada a levar os três filhos para esse “orfanato”. Tudo tinha a ver com um cenário real. Ali estava um quarteto que falava pela periferia, pelos pobres, pelos negros, oprimidos. Falava por mim. Pura representatividade.

Desde a “batida” da música, com a melodia lacrimal, e de suspense, a cada estrofe, um fragmento de histórias vividas, pouco contadas, da classe pobre e favelada. É fato que o fim de semana para quem mora na periferia é sempre um evento. As mães deixam os filhos se reunirem a outras crianças, com brincadeiras singelas, sem acessórios eletrônicos, bonecas, carrinhos, objetivos lúdicos. Tudo é inventado pela molecada e, principalmente, brincadeiras de corrida. Hoje entendo que a mania de correr era uma forma de liberar a adrenalina, a energia contida dentro de um cômodo durante a semana.

Vivia uma espécie de confinamento, um cárcere. Hoje aprecio o ir e vir.

A favela recebe esse nome porque tem um amontoado de casas, mal construídas, mal acabadas. Atrevo-me a dizer que apenas o nome foi mudado. No período da Abolição, os escravizados ficavam reunidos, também, em um ambiente, de nomenclatura gramatical, com três sílabas, a senzala. A evolução (sic) está no aspecto visual onde algumas “casas” são de alvenaria, e, em algumas ruas o asfalto (de cor preta, o piche que pavimenta) chegou.

Falar de urbanização, segurança e lazer são utopias. Aspectos que não chegaram à favela, embora conste na Constituição Federal. O direito à moradia foi reconhecido e implantado como pressuposto para a dignidade da pessoa humana, desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, foi recepcionado e propagado na Constituição Federal de 1988, por advento da Emenda Constitucional nº 26/00, em seu artigo 6º, caput: “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

O grupo Racionais MC's, sem titubear, dirige-se a essa fatia da sociedade, diretamente com o termo “comunidade pobre”. E destacam a zona sul, considerada uma das mais violentas no estado de São Paulo, seguida da região leste, em suas extremidades. No aspecto religioso, a fé é, muitas vezes, materializada por uma imagem. Na música, orixás do candomblé garantem a proteção.

Os compositores referem-se às mulheres de maneira agressiva, pejorativa, com adjetivos que não condizem à realidade desse público. De acordo com o levantamento, em 2017, do IBGE, as mulheres trabalham, em média, três horas a mais que os homens por semana, ao considerar a soma das atividades exercidas no emprego e em casa. Entre as ocupadas - ou seja, que estão no mercado de trabalho - são 7,5 horas a mais dedicadas aos afazeres domésticos em relação aos homens. Um terço do dia.

A desigualdade social é um fator evidente, comparada à população que vive em bairros distintos, e isso envolve lazer, segurança e educação. Em pleno século XXI há jovens e crianças que nunca frequentaram a Avenida Paulista – região cercada por museus, parque, shoppings centers, livrarias, hospitais de grande porte e escolas privadas.

A todo instante, os compositores frisam o reflexo que o capitalismo traz às classes menos favorecidas. Nem sempre querer alguma coisa, seja objeto, alimento ou passeio, é algo palpável. Tudo requer sacrifício, economizar o que não tem. Mas todo mundo sonha, principalmente com a paz. A angústia e a pobreza, muitas vezes, trazem inquietações. O pensamento divaga. Atravessa muros. E a realidade é dura, mostra que estar do outro lado é muito difícil, como se aquele lugar não pertencesse a quem é pobre, da pele preta. São dois mundos dentro do mesmo lugar. É um paradoxo.

E essa divisão traz benefícios àqueles bem situados, e consequências para quem não tem “condição social”. Aqui está o mote da música, quando o grupo escancara a desigualdade e alerta para o tratamento que a população pobre recebe, com descaso e violência. A polícia “afasta” a periferia da burguesia, e esse ato é feito com violência, intolerância. Nesse ponto é relatada a morte de um “mano”, com o corpo, baleado, no escadão da favela. A abordagem policial é contumaz quando a pessoa a ser revistada é homem, jovem e negro. E os estudos, apontados ao longo dessa análise, mostram que é o perfil mais assassinado.

A música dá voz aos “silenciados” pela dor e falta de oportunidades, ainda assim, a presença do coletivismo é reiterada. Há solidariedade nas favelas. Há vida. Há gente. Frequentar clubes poliesportivos, parques, praticar corridas e exercícios, para muitos, podem ser atividades cotidianas, mas para a classe pobre, isso tudo ainda é privilégio.

As boas oportunidades e os bons encontros acontecem por meio do calor humano e esse rap, em sua síntese, fomentou a força do movimento hip-hop. Sua história relata nuances contraditórias da sociedade e da violência no estado, em um momento onde se buscava oportunidade, e direito, para que a população pobre virasse protagonista e contasse o que acontecia dentro da favela. E o grupo Racionais MC's foi o porta-voz dessa narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jaime Amparo. Topografia da violência: necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. Vol. 22. São Paulo. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47222/83880>>. Acesso em 2/1/2019.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da linguagem. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 1., 2005, São Paulo. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn> Acesso em 2/1/2019.

GARCIA, W. (2003). Ouvindo Racionais MC'S. Teresa, (4-5), 166-180. Disponível em <<http://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2003.116377>> Acesso em 2/1/2019.

KEHL, Maria Rita. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. São Paulo Perspec., São Paulo, 1999. v. 13, n. 3, p. 95-106. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S> Acesso em 2/1/2019.

OLIVEIRA, Dennis. A violência estruturada na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder. São Paulo: Extraprensa, 2018. Disponível em <<http://doi.org/10.11606/extraprensa2018.145010>> Acesso em 1/1/2019

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Discurso: estrutura ou acontecimento. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

WASELFISZ, Jacobo Julio. Mapa da Violência 2012 – os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012. Disponível em https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_sp.pdf